

DUAS NOVAS EPÍGRAFES DO CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA

Two new roman epigraphs of Idanha-a-Nova

José d'Encarnação, Mário Chambino
e Francisco Henriques



Vila Velha de Ródão, 2011

DUAS NOVAS EPÍGRAFES DO CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA

Two new roman epigraphs of Idanha-a-Nova

José d'Encarnação¹, Mário Chambino² e Francisco Henriques³

Palavras-chave

Epigrafia romana, divindades indígenas, vicus

Key words

Roman epigraphy, indigenous deities, vicus

¹ Professor catedrático aposentado. CEAUCP – Universidade de Coimbra.

² Licenciado em História. Associação de Estudos do Alto Tejo.

³ Arqueólogo. Associação de Estudos do Alto Tejo.

Resumo

No âmbito das «viagens» de prospecção patrimonial a que nos vamos dedicando, o Calvário de Segura (concelho de Idanha-a-Nova) trouxe-nos a surpresa de aí encontrarmos uma inscrição romana do século I, mui provavelmente dedicada a uma divindade indígena. Aproveitamos para dar conta das epígrafes romanas encontradas na região e incluímos o estudo de um fragmento epigrafado passível de ser interpretado como a dedicatória dos habitantes de um *vicus* por ora desconhecido ao deus maior dos Romanos.

Abstract⁴

As part of the “travels” of patrimonial prospecting that we will dedicate, the Calvary of Segura (Idanha-a-Nova’s council) brought us the surprise of finding there a Roman inscription dating around the first century, most probably dedicated to an indigenous divinity. We used to account for the

⁴ Tradução de Luisa Filipe.

Roman inscriptions also found in this region and included a study of an epigraphed fragment that could be interpreted as a dedication of the inhabitants of a vicus as yet unknown to the greatest god of the Romans.

Introdução

Divulgam-se dois monumentos epigráficos identificados na área do concelho de Idanha-a-Nova. Um deles foi reconhecido em 2011 e integra o Calvário da povoação de Segura. O outro, identificado há várias décadas mas nunca devidamente estudado, é oriundo do sítio da Fonte de São Tiago, na freguesia de Rosmaninhal.

Para caracterizar a ocupação romana nas áreas correspondentes às freguesias de Segura, Rosmaninhal, Ladoeiro e Zebreira, pertencentes ao concelho de Idanha-a-Nova, utilizámos a base de dados de património arqueológico (Endovélico) do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (<http://www.igespar.pt>).

Entretanto, constatámos que a fonte principal desta informação reside nos trabalhos de cartografia arqueológica promovidos há algumas

décadas pela Associação de Estudos do Alto Tejo, que, no caso da freguesia de Rosmaninhal, se basearam em parte nos trabalhos de uma outra associação local, o Grupo de Estudos e Pesquisas de Rosmaninhal (GEPA).

Na área indicada estão identificados 44 sítios, 29 dos quais se situam na freguesia do Rosmaninhal, 7 na freguesia do Ladoeiro, 5 na freguesia de Segura e 3 na freguesia de Zebreira. Os números anteriores correspondem, essencialmente, à proporcionalidade do investimento realizado, convertido em dias de trabalho de campo.

Destes sítios ou monumentos, 31 (71%) correspondem a vestígios de superfície, povoados, cuja dispersão de materiais pode variar entre algumas dezenas e alguns milhares de metros quadrados. Cremos que a agricultura e a mineração foram a base de economia destes assentamentos humanos.

A referência a minas, em número de 7 (15%), ocorre apenas na freguesia de Rosmaninhal.

Os vestígios restantes, pouco significativos em termos percentuais, correspondem a inscrições (Ladoeiro, Segura e Zebreira), a duas pontes

(ponte internacional de Segura e ponte da Monheca), a uma represa e a um achado isolado.

No sul do concelho de Idanha-a-Nova, em território hoje compreendido pelas freguesias de Segura, Rosmaninhal e Ladoeiro, foram identificados 11 monumentos epigráficos, distribuídos, grosso modo, por Segura (3 exemplares), Ladoeiro (3), Zebreira (3) e Rosmaninhal (3).

Por ordem cronológica, a primeira das epígrafes encontradas no Rosmaninhal, divulgada por vários autores e originária da Tapada da Ordem, é a conhecida ara dedicada à divindade indígena *Arantius Tanginiciaecus* por *Avita*, filha de *Vitalis* (GARCIA, 1984: 47).

A segunda, conhecida na década de 80 do século passado, foi divulgada num inventário geral (HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO, 1993: 117), sendo mencionada no estudo da terceira epígrafe documentada nesta freguesia (SANTOS, 1999). É um fragmento de fuste de ara, com inscrição, encontrada por M. Chambino na Fonte de São Tiago. Segundo informação obtida na época, terá sido a terceira inscrição encontrada na Fonte de São Tiago, desconhecendo-se o paradeiro das outras duas. Não consta no registo monumental da

epigrafia da *Civitas Igaeditanorum* (SÁ, 2007). É um dos objectos do presente estudo.

A terceira epígrafe, uma estela (SANTOS, 2003), é originária de Granja de São Pedro (Enchana) e integra actualmente uma colecção privada. Trata-se do epitáfio mandado lavar pela mãe, Filete (*Philete*), à filha *Superata*. Na área da Zebreira estão identificados dois monumentos votivos. Um deles é o altar que *Aprodisia*, liberta de Clara, erigiu à deusa Vitória (GARCIA, 1984: 75). O outro monumento foi encontrado, há alguns anos, em Nave Aldeã (Zebreira) e encontra-se no Museu Francisco Tavares de Proença Júnior, de Castelo Branco. Formalmente, é muito semelhante ao monumento do Calvário de Segura, que ora divulgamos. Tem a seguinte inscrição: CELTIEN/VS. CANA/PI. F. LARI/BVS. CAI/RIESIBVS / V. L. A. S. (GARCIA, 1984: 75) – cumprimento, pois, do voto de Celtieno, filho de Canapo, aos Lares Caienses.

Da freguesia de Ladoeiro são conhecidas três inscrições. Duas têm origem na Granja dos Belgaios⁵ e uma terceira foi encontrada no interior da povoação. As duas primeiras pertencem actualmente ao Museu

⁵ Ampla estação de superfície da época romana, na margem esquerda do rio Ponsul, junto a uma extensa área mineira.

Francisco Tavares de Proença Júnior e a última encontra-se depositada na Câmara Municipal de Idanha-a-Nova. Uma das inscrições da Granja dos Belgaios tem o seguinte texto: OIPAEN/GIAE / MARCIVS / RVFVS / V. L. S. (SÁ, 2007, p. 50, inscrição nº 29). A outra encontra-se em muito mau estado de conservação sendo apenas possível fazer a seguinte leitura ERIV.../ IVLIA... [M]ODESTIN[A?] (SÁ, 2007, p. 56, inscrição nº 41). A terceira epígrafe foi identificada por F. Henriques e J. Caninas, encostada à esquina de uma casa e cravada no solo para a proteger da colisão de veículos⁶. Leitura proposta por Ana Sá (SÁ, 2007, p. 50, inscrição nº 30): OIPAENGI(ae) / APANA / PISSIRI / V. S.

Na freguesia de Segura estão identificados três monumentos epigráficos, dois deles subjacentes ao altar da capela de Santa Catarina. No primeiro pode ler-se: ANDERCIVS / ALLVCQVI F / ERBINE · / IAEDI ·/ CANTIBIDONE / V · L · A · S (SÁ, 2007, p. 41, inscrição nº 4). No segundo monumento lê-se: CAPIIO · PI / SIRI ·ERBI / NE IAEDI·/ CANTIBI/DONE / L·A ·V · S. (*ibidem*, inscrição nº 5). O terceiro foi encontrado nas proximidades da capela referida. Apresenta mau estado de conservação, não tendo sido nele identificado qualquer texto, pelo que se considera anepígrafo.

⁶ Não estava, pois, 'embutida na parede de uma casa', como é referido por Ana Sá.

Na vizinha freguesia de Salvaterra do Extremo, imediatamente a norte de Segura, não há notícia do aparecimento de inscrições. Baste, no entanto, este brevíssimo panorama para dar uma ideia de como tem sido bem sucedida a pesquisa de epígrafes romanas na zona e como, por outro lado, daí se pode deduzir (muito embora com as devidas reservas metodológicas) quanto o hábito de mandar gravar inscrições às divindades e aos seus entes queridos estaria aí bem arreigado nas populações romanas do século I da nossa era.

1. Ara e Calvário de Segura (Idanha-a-Nova)

Foi em fotografias do blogue *Segura Aldeia Raiana*, de Edgar Moreno (<http://seguraraiana.blogspot.com/>), em *post* de 15 de outubro de 2010, que detectámos um presumível monumento votivo do tipo ara. Em junho de 2011 confirmou-se essa suspeita, no decurso de ida ao local. Este monumento epigráfico integra o Calvário de Segura.

O Calvário (**Figura 2**) está implantado a oés-noroeste da povoação de Segura (**Figura 1**), no rebordo nascente de uma pequena plataforma aplanada, em frente da povoação, em espaço murado, agricultado e em

tapada vizinha ao depósito da água que abastece a aldeia. Este local é sobranceiro à linha de água que corre entre a aldeia e Calvário e cujas margens já se encontram parcialmente urbanizadas e agricultadas.

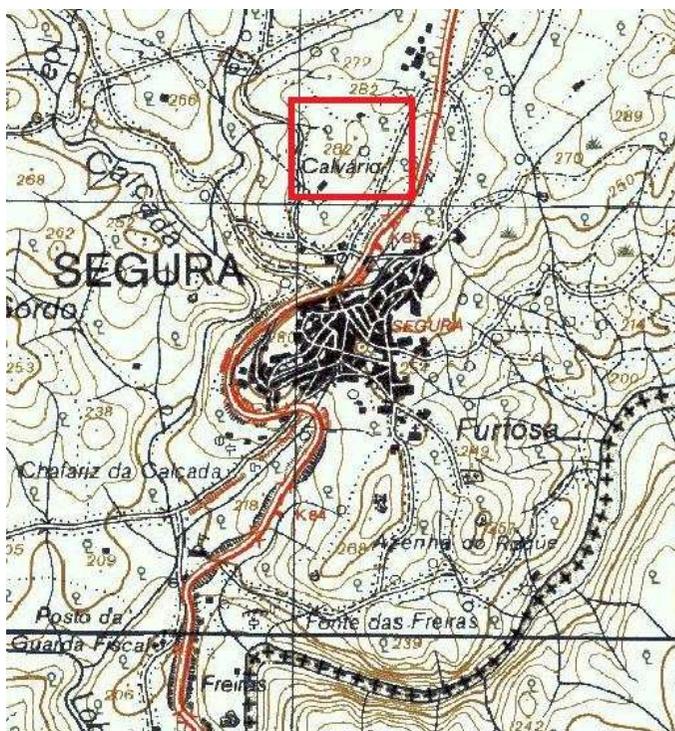


Figura 1. Localização do sítio do Calvário sobre extracto da Carta Militar de Portugal.

Segundo informação oral, obtida no local, na origem o Calvário terá sido construído onde actualmente se encontra, mas com outra configuração; em época desconhecida, terá sido levado para o interior da povoação e, há muitas décadas, voltou a ser instalado no sítio original.

No livro *Subsídios para a Monografia de Segura*, de Mário de Andrade (1949: 253), vem apenas mencionado que, à data, o espaço era um baldio comum. Actualmente, é propriedade privada, mas realiza-se ali, anualmente, uma procissão, na quinta-feira santa.

O monumento encontra-se voltado para a povoação de Segura. A parte aérea é integralmente construída em granito e o pavimento constituído por lajes de granito, excepto no lado poente, que integra blocos de mármore e de granito.

Apresenta um muro rectilíneo, com 4,7 m de comprimento, orientado no sentido norte-sul, com largura variável entre a base (0,55 m) e o topo (0,45 m). Sobre este embasamento murário foram inseridas três cruzeiras. Longitudinalmente, o muro é formado por duas fiadas de blocos de granito, aparelhados e justapostos, colocados lado a lado e alinhados pelas faces anterior e posterior. Em altura, está estruturado em três

DUAS NOVAS EPÍGRAFES DO CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA
José d'Encarnação, Mário Chambino e Francisco Henriques

fiadas de blocos, excepto no sítio das cruzes, onde existe mais um bloco. Foi utilizado cimento como elemento aglutinante.

Em frente do Calvário, o solo foi revestido por placas de mármore, agregadas com cimento formando um piso, ao qual se acede por pequena escadaria que ajuda a vencer o desnível.

O Calvário está materializado por três cruzes. A cruz central é um pouco mais alta que as laterais. Todas as cruzes são constituídas por estreitos blocos de granito de formato paralelepípedo.

A cruz do lado sul foi cravada sobre um bloco de formato paralelepípedo, que assenta sobre outro do mesmo formato.

A cruz central assenta também sobre um bloco de formato paralelepípedo (40 cm de largura, 46 cm de espessura e 33 cm de altura), com uma canelura de 11 cm de espessura, no topo, em todo o perímetro. Na face anterior deste bloco foram lavrados dois hexafólios, inscritos num duplo círculo. O círculo da esquerda tem 18,2 cm de diâmetro e o da direita 17,2 cm.



Figura 2. Vistas do Calvário de Segura. A segunda foto é de Edgar Moreno.

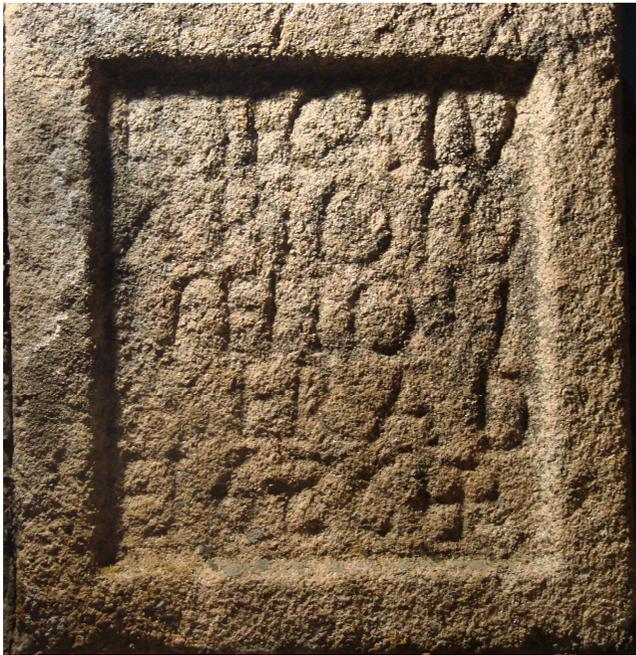


Figura 3. Inscrição portuguesa do Calvário.

As gravações são feitas em baixo-relevo e os eixos dos hexafólios estão ligeiramente desnivelados. O bloco referido assenta sobre um segundo de formato igualmente paralelepípedo e este sobre um terceiro, também ele paralelepípedo (43,5 cm de largura, espessura não estimável devido à cobertura de cimento e 47,5 cm de altura). A face anterior deste terceiro bloco tem uma moldura de 6 cm em todo o

perímetro. No interior da moldura existe, rematada por uma cruz, uma inscrição portuguesa (**Figura 3**), severamente degradada pelos agentes erosivos:

ESTE CALVÁRIO FOI / FEITO N/A ERA D/E 1686+

A cruz norte está cravada sobre um bloco paralelepípedo de coloração esbranquiçada, de granito grão fino, o qual assenta sobre outro bloco de configuração idêntica (43 cm de largura, 32 cm de espessura e 37 cm de altura). No primeiro deles gravaram dois hexafólios, ambos com 20 cm de diâmetro e assimétricos.

Sobre o pavimento de placas de mármore foi identificada uma ara, moldurada nas suas quatro faces (**Figura 4**). Este monumento encontra-se implantado no lado nascente do Calvário, a poucos centímetros da parede que suporta as cruzes, entre a cruz central e a cruz norte. De granito de grão fino, foi cravada no solo, com cimento, e em posição vertical. Apresenta mau estado de conservação, não só pela alteração do granito como também por uma diáclase na sua parte posterior, visível no corpo e no capitel. Esta deficiência provocou a perda de um fragmento na parte posterior do capitel.

Base e capitel muito volumosos. O capitel, encimado por dois toros, tem uma ranhura que o separa inferiormente de dois filetes directos. A base está separada do fuste por um filete reverso, seguido de uma gola reversa a assentar como que num plinto.

Dimensões: Altura: 106 cm (total), 22,5 (capitel), 55 (fuste), 28,5 (base).
Capitel: 43 x 43; fuste: 27 x 25; base: 45 x 40.O

O texto romano ocupa, como é habitual, a face dianteira do fuste; nas platibandas da base, gravou-se - para ser lida nas quatro faces - uma inscrição portuguesa.

O espaço epigrafado do corpo está em mau estado de conservação devido à degradação da própria rocha, o que indicia longos períodos ao ar livre. Observam-se vestígios das duas primeiras linhas, mais próximas do capitel. Abaixo delas (14 cm abaixo do topo do campo epigráfico), há como que um suave adelgaçamento, visível em todo o perímetro do monumento. Este efeito fez desaparecer o texto nessa faixa. cremos que, em período indeterminado da sua existência, o capitel e o espaço ocupado pelas duas primeiras linhas estiveram enterrados. Desse modo, a ara estaria fixada em posição invertida, o que terá preservado a parte da inscrição que desse modo ficou oculta.



Figura 4. Ara do Calvário de Segura.

Nessa posição terá sido inscrito o texto, moderno, que se apresenta em todo o perímetro da base. De acordo com esta explicação, é provável que exista uma cavidade para encaixe de uma cruz, na face inferior da ara. Com esse uso, como cruzeiro, o monumento estaria isolado, sendo possível circular em seu redor, como se deduz da disposição do texto em todo o seu perímetro.

A fase epigrafada em época romana está actualmente voltada para norte. Lê-se:

ALVQVI/VS · A [...]

Altura das letras: 5,5 cm.

Os caracteres inserem-se, pela paleografia, no que se conhece do século I da nossa era, pois que podem considerar-se enquadráveis no tipo de escrita monumental quadrada: A simétrico, com barra bem horizontal e a meio; V simétrico também; Q circular de perna breve, oblíquo a sair da sua zona central inferior. Não se nos afigura difícil discernir VS na l. 2; o ponto está igualmente visível, seguindo-se-lhe o que nos parece ser um A; contudo, tanto essa segunda metade da linha

como o resto do campo epigráfico sofreram danos erosivos irreparáveis, de modo que nada mais se pode ler.

Sendo assim, não nos é possível optar por uma epígrafe de tipo votivo ou funerário, ainda que, pela tipologia⁷ e até pelo contexto a que atrás fizemos referência, a probabilidade de estarmos perante um altar votivo – porventura a uma divindade indígena – ganha consistência. *Aluquius* seria, pois, o nome do dedicante, sendo o A que nos parece ler de seguida o começo do patronímico (ANDERCI?)⁸. *Aluquius* é antropónimo de origem pré-romana que se documenta com alguma preponderância nesta área da Lusitânia (NAVARRO & RAMÍREZ, 2003: 82, mapa 16), surgindo com as variantes *Alluquius* e *Allucquius*.⁹

⁷ O monumento é formalmente muito semelhante, como se disse, ao recolhido em Nave Aldeã (Zebreira), dedicado aos *Lares Caiirienses* (GARCIA, 1984: 75).

⁸ Esta sugestão de patronímico surgiu-nos por, num texto de Valença do Minho (*Hispania Citerior*), haver menção de um *Alluquius Andergi f(i)lius* – CIL II 2465 = ILER 6283. Aliás, um dos atrás referidos altares de Segura tem como dedicante *Andercius Allucqui f(i)lius* e também o texto começa não pelo nome da divindade mas pelo do dedicante, a indiciar, de resto, que se destinava a ser colocado no lugar de culto e, por isso, era o nome do dedicante o elemento diferenciador.

⁹ J. d'E. viu, a 4 de Dezembro de 1993, no pátio do Museu de Grão Vasco, em Viseu, o fragmento de um bloco granítico róseo, dotado de uma epígrafe aparentemente medieval, reaproveitamento arquitectónico dum monumento funerário romano do século I d. C. de que apenas restavam os dizeres ... VRA · ALLVQ. Será, eventualmente, interpretável como [ALB]VRA · ALLVQ[VI · F(i)lia]. Cremos que se lhe terá perdido o rasto; pelo menos, que saibamos, não foi, até ao momento, alvo de publicação, pelo que se aproveita o ensejo para o dar a conhecer, como mais um testemunho destes dois antropónimos, o primeiro em termos

Na base, a inscrição ocupa, como se disse, as quatro faces. Cada uma delas tem de altura 14 cm por 40 cm a 45 cm de largura e as letras, inscritas para serem lidas com a ara em posição invertida medem 10 cm de altura. A leitura e a interpretação não oferecem dúvidas: face sul: A C A R I; face oeste: D A D E; face norte: P O S E S T; face este: A C R V S. Ou seja: A CARIDADE POS ESTA CRUZ.

Cerca de 25 m a leste do Calvário, em plena encosta voltada para a povoação, foi identificado um cruzeiro de granito, que assenta sobre bloco paralelepípedo (47 cm de largura, 47 cm de espessura e 70 cm de altura) também de granito. A cruz é semelhante às do Calvário.

O bloco, paralelepípedo, está cravado no solo, deixando ver, apenas, a face anterior. Esta face possui em todo o perímetro uma moldura com 8 cm a 9 cm de espessura, muito degradada pelos agentes erosivos. O interior apresenta-se epigrafado com cinco linhas sendo apenas possível identificar e ler as duas últimas: [...] POSES/TACRVS («(...) pôs esta cruz»).

dubitativos, o segundo com maior segurança. A peça terá sido, pois, encontrada no aro da cidade de Viseu. Informe-se também que, por lapso, Ana Sá não incluiu no seu livro o fragmento com o genitivo *Allucqui*, da *civitas Igaeditanorum*, indicado no citado *Atlas* sob o nº 208 (mapa 16).

A cerca de 200 m a nordeste do Calvário, em plena encosta, e no interior da malha urbana de Segura podemos observar os vestígios da Capela de Santa Ana, no limite norte do quintal de uma casa de grande volumetria e com poucos anos de existência. No interior do antigo recinto religioso existe um grande sobreiro e a área envolvente está ocupada por oliveiras.

A capela é uma pequena estrutura de planta quadrangular (4 x 4 m aprox.), de que apenas restam três paredes (nascente, poente e norte), com um máximo de 2,5 m de altura e em completa ruína. A entrada deveria estar voltada a su-sudoeste, dela não restando vestígios. As faces interiores das paredes apresentam vestígios de reboco de superfície irregular. A construção é constituída por blocos disformes de granito e xisto. Em redor deste espaço observam-se pequenos fragmentos de cerâmica de cobertura, de época moderna.

Mário Marques de Andrade, no seu livro *Subsídios para a Monografia de Segura* (ANDRADE, 1949: 174), afirma ainda se lembrar da «porta principal em estilo românico, muito parecida com a porta da Misericórdia». O arco da entrada e as janelas foram desmontados e levados para o sítio da Relva para aí ser reconstruída. Mas a autoridade

eclesiástica não permitiu a sua reconstrução no novo sítio, acabando por se perder o material de construção.

2. Inscrição da Fonte de São Tiago (Rosmaninhal)

A segunda inscrição (**Figura 5**) é oriunda da Fonte de Santiago, Rosmaninhal. Foi doada a Mário Chambino, por volta dos anos 80, pelo Sr. João Ginja, já falecido, que já a tinha em sua posse há muitos anos.

O primeiro registo desta inscrição surge no vol. 3 da Carta Arqueológica do Tejo Internacional (HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO, 1993: 117). O interesse na sua divulgação decorre do facto de nunca ter sido estudada e de nela deventualmente se atestar um novo topónimo. -

A Fonte de Santiago está situada cerca de 2,5 km a leste do Rosmaninhal (**Figuras 6 e 7**). É um local há muito conhecido como uma *mouraria*, sítio de *casas dos mouros onde existem cacos, muros e sepulturas cavadas na rocha*.

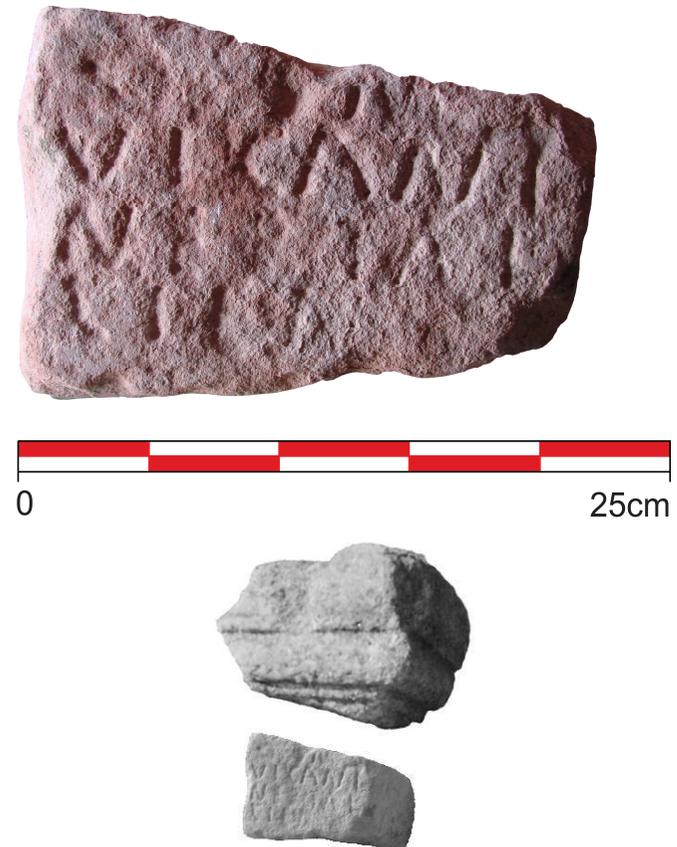


Figura 5. Epígrafe da Fonte de S. Tiago (imagem superior) e tentativa de colagem com um capitel observado no local em 1980 (imagem inferior).

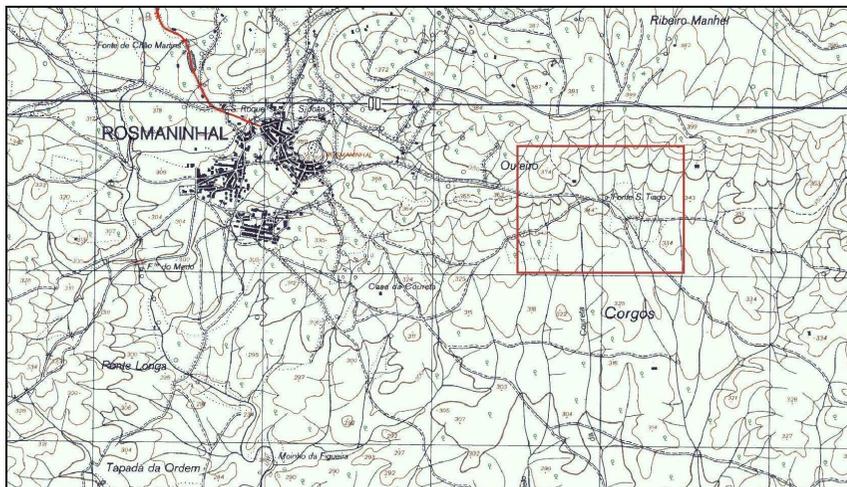


Figura 6. Localização do sítio da Fonte de S. Tiago sobre extracto da Carta Militar de Portugal.

A primeira notícia da importância arqueológica deste espaço foi dada no boletim *O Pelourinho*, editado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CHAMBINO, 1977: 2 e 3), onde se descreve o sítio e se mencionam seis túmulos e um pequeno lagar. Em 1979, Mário Chambino apresentou nas Primeiras Jornadas Arqueológicas da Beira Baixa uma comunicação com o título «Estação Romana da Fonte de San'Tiago» (CHAMBINO, 1986). Nesta comunicação, o espaço é descrito com algum cuidado, incluindo um conjunto muito diversificado

de materiais recolhidos à superfície. O autor dá conta da existência de onze sepulturas escavadas na rocha, uma lagariça, o capitel de uma ara (Figura 5, imagem inferior)¹⁰, em mau estado de conservação, e que integrava uma parede, fragmentos de mós giratórias, gangas de fundição, pesos de rede em chumbo, pregos, uma fibula anular, vidro, cerâmica vária sob a forma de fragmentos de telhas, *imbrices*, *dolia*, tijolos, pesos de tear (outros em seixos de quartzito), lucernas, um bico de ânfora, *terra sigillata* (hispânica e clara A). Em suma, a partir deste acervo, o autor considera ter ali existido uma *villa*, orientada para a actividade agropecuária, não excluindo, porém, a possibilidade de ter estado relacionada com a actividade mineira.

Anos mais tarde, o sítio da Fonte de Santiago volta a ser mencionado no volume 3 da Carta Arqueológica do Tejo Internacional (HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO, 1993), em três fichas. Na primeira, registam-se os vestígios de superfície e a primeira referência à inscrição em estudo (IN87), a segunda ficha regista os seis túmulos (IN88) e a terceira um pequeno lagar rupestre (IN89).

¹⁰ Desconhece-se o seu actual paradeiro. Deste capitel existe uma foto de 1980 e um esboço à escala. Pela documentação existente não se refuta a hipótese de fazer parte do fragmento de fuste epigrafado agora em estudo.

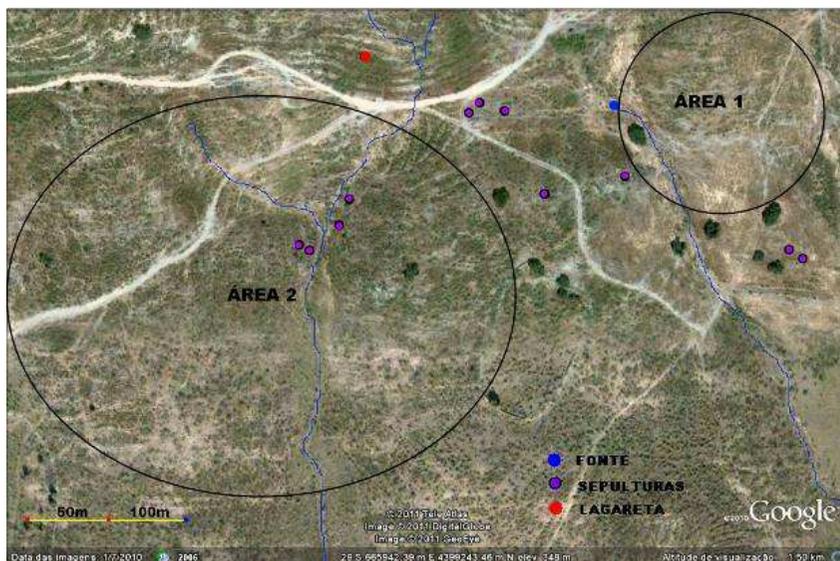


Figura 7. Localização do sítio da Fonte de S. Tiago sobre extracto do Google Earth.

Em 1999, no seminário de investigação *A Implantação Rural Romana a Sul da Egitânea*, Cassilda Santos (SANTOS, 1999) aborda também este local – Fonte de Santiago – e confirma o que atrás se escreveu, incluindo o fragmento desta inscrição sem a respectiva leitura, mas acrescenta dados importantes, estimando a mancha de distribuição de materiais em cerca de 5 hectares (52 500 m²). Também atesta a presença de *terra sigillata* de tipo ibérico e de uma área de pedreira

antiga com 3750 m² de área aproximada. Dos túmulos regista apenas dois, próximos da fonte.

Na **Figura 7**, assinalamos as duas áreas de maior concentração de materiais. Na área 1, junto da fonte, materiais romanos, tégulas, *sigillatas*, vidros, cerâmica comum, metais, etc. Na área 2, os materiais são mais pobres, sendo raros os fragmentos de tégulas e não ocorrendo, pelo menos à superfície, *sigillatas* e outras cerâmicas finas.

A população de Rosmaninhal refere a existência de uma ermida, dedicada a Santiago, no local da estação arqueológica. No entanto, o Tombo da Ordem de Cristo de 1678, consultado na Torre do Tombo, dá notícia da ermida de Santiago, mas situada na Devesa Pública, junto ao Forno da Telha, praticamente dentro da povoação de Rosmaninhal e bem distante da Fonte de Santiago.

Voltando à epígrafe, diremos que poderemos estar em presença do fragmento do fuste de uma árula de arenito (**Figura 5**), partida para reaproveitamento; tem, pois, uma forma trapezoidal.

Dimensões: 14/11 x 21 x 13,5.

[IOVI] [?] / O(*ptimo*) . M(*aximo*) / VICANI / NE[RT?]AI / CENS(es?) / [...]?

A Júpiter Ótimo Máximo – os Vicanos Nertaicenses [?]

Na primeira linha que é legível na sua totalidade, a palavra VICANI lê-se perfeitamente, denotando uma gravação feita com ponteiro, actuária, de letras espaçadas de forma a que a palavra ocupasse a linha toda. *Vicani* são, como se sabe, os habitantes de um *vicus* e nas inscrições em que a palavra surge temos, de seguida, o adjectivo de etimologia etnónica ou toponímica que os identifica. Trata-se, geralmente, de pequenas unidades 'suprafamiliares', como as designaria Maria de Lourdes Albertos, ainda que a designação de *vicus* haja sido colhida na nomenclatura latina.¹¹ Neste caso, a dúvida reside na 3ª e na 4ª letras desse adjectivo, dado que uma terminação em CIEN leva, naturalmente, a pensar em *-cienses*. Poderão ser um R e um T, como propomos; contudo, a superfície da epígrafe encontra-se aí muito desgastada; e, por outro lado, desconhecemos, por enquanto, topónimo ou etnónimo susceptível de nos trazer sobre o caso alguma luz – e mais vale, por isso, não avançarmos no que seriam sempre, neste momento, meras elucubrações.

¹¹ Um dos estudos mais completos desenvolvidos até hoje sobre este tipo de aglomerados populacionais deve-se a Leonardo Curchin (1983).

Mais certeza poderá haver, porém, no que concerne ao teor da epígrafe, uma vez que são frequentes as dedicatórias feitas por *Vicani* ao deus maior dos Romanos, mormente para, por ocasião da fundação de um aglomerado populacional, chamarem a si as divinas graças benfazejas. Atendendo a que um O se nos afigura perceptível na l. 2 e um M também, não seria aí proposta de leitura infundada a possibilidade de estarmos perante uma dedicatória a Júpiter Ótimo Máximo. Importará, pois, encontrar outros elementos passíveis de serem relacionáveis com um *populus* cuja identificação se pareça com *Nertaicienses*.

3. Considerações Finais

Por mais que se considere acabada e perfeita a prospecção arqueológica de um local, a probabilidade de virem a encontrar-se mais monumentos susceptíveis de trazer novas luzes sobre a onomástica e a religiosidade dos povos que nos antecederam e com os quais os Romanos se aculturaram está sempre presente. Amiúde, estão essas «pedras com letras» à vista de todos; outras, só um dia, devido a especial incidência dos raios solares é que acabaram por se revelar.

Foi o que aconteceu com os documentos ora apresentados.

Deles se procurou fazer uma integração contextual, anotando outros aspectos patrimoniais vizinhos que importava reter. Foram, claro, as epígrafes romanas as que mais nos despertaram a atenção; todavia, no Calvário de Segura, a ara romana quase parece que ali foi parar por acaso, desgarrada como está do conjunto. O certo é que também esse conjunto detém um sentido muito próprio, de religiosidade regional, de ponto de encontro de crenças, de anseio por uma protecção divina ao longo dos séculos... E esse espírito há que consciencializá-lo e integrá-lo nos tempos que o foram cultivando.

A erosão atmosférica, no primeiro caso, e a reutilização no segundo impediram-nos de ser mais assertivos nas conclusões. Importava, porém, antes de mais, dar conhecimento da existência destes monumentos, para que se preservem e para que outros, com novos dados e mais conhecimentos, acabem por lhes conferir o seu real valor. Valor patrimonial detêm; valor histórico também, mas não o descortinamos ainda na sua plenitude. Esse, o caminho a trilhar!

Agradecimentos

Agradece-se a prestimosa colaboração da Junta de Freguesia de Segura e do Senhor José Luis Reis Ramalhete (Segura).

Fontes de informação

ANDRADE, Mário Marques de (1988) **Subsídios para a Monografia de Segura – Aldeia Raiana das mais Pitorescas**. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova. Idanha-a-Nova, edição fac-simile de 1949.

CHAMBINO, Mário (1977) **Fonte de San'Tiago**. Pelourinho, 1. Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas. Rosmaninhal: 2 e 3.

CHAMBINO, Mário (1986) **Estação Romana da Fonte de San'Tiago**. Arqueologia da Beira Baixa – Livro das Actas das 1^{as} Jornadas de Arqueologia da Beira Baixa (1979). Arcinpe, Castelo Branco: 41-50.

CURCHIN, Leonard A. (1985) "**Vici and pagi in roman Spain**". *Revue des Études Anciennes*. 87, p. 327-343.

GARCIA, José Manuel (1984) **Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior**. Edição Ministério da Cultura – Museu Tavares de Proença Jr. Castelo Branco.

HENRIQUES, Francisco, CANINAS, João C. & CARDOSO, João L. (1999) **Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova**. Projecto ALTEJO – Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco, CANINAS, João C. & CARDOSO, João L. (2000-2001) **Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e Nisa**. Projecto ALTEJO – Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco, CANINAS, João C. & CARDOSO, João Luis (1998) **Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Proença-a-nova, Castelo branco, Idanha-a-nova**. Projecto ALTEJO – Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco, CANINAS, João C. & CHAMBINO, Mário (1993) **Carta Arqueológica do Tejo Internacional**. Vol. 3 (Idanha-a-Nova). Preservação, 16. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco, CANINAS, João C. & CHAMBINO, Mário Lobato (2004) **Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica no Concelho de Idanha-a-Nova**. Associação de Estudos do Alto Tejo.

NAVARRO CABALLERO, Milagros & RAMÍREZ SÁDABA, José Luís (coord.) (2003) **Atlas antroponímico de la Lusitania romana**. Mérida-Bordéus.

SÁ, Ana Marques de (2007) **Civitas Igaeditanorvm: Os Deuses e os Homens**. Município de Idanha-a-Nova.

SANTOS, Maria Cassilda Domingues (1999) **A Implantação Romana a Sul da Egitânea**. Trabalho de seminário apresentado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob orientação do Prof. Doutor Jorge Alarcão. Inédito.

SANTOS, Maria Cassilda Domingues (2003) **Estela Funerária do Rosmaninhal**. Ficheiro Epigráfico, 74, inscrição nº 358. Coimbra.

<http://www.igespar.pt>

<http://seguraraianafrench.blogspot.com/>

<http://seguraraiana.blogspot.com/>